

NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO

Fernando de Figueiredo

Aluno do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis na UERJ

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Nos tempos atuais, a necessidade de uma boa avaliação da saúde econômica e financeira de uma empresa é de vital importância, tanto para os usuários internos (acionistas, diretores, etc.), quanto para os externos (fornecedores, bancos, clientes, etc.), pois, com o mercado competitivo da forma em que se encontra, não podemos em nenhum momento passar por dificuldades financeiras nem perder parcela do mercado (*Marketshare*), já que é muito difícil recuperá-la.

Quando se fala na análise financeira das empresas, logo raciocinamos com a análise por meio de Índices (Estrutura de Capital, Liquidez, Rentabilidade e Prazos Médios), extremamente estática, pois não mostra o dinamismo das operações que a empresa realiza diariamente, omitindo, nesse caso, as reais necessidades de investimentos em capital de giro.

Para resolução desse problema, iremos abordar uma metodologia de análise que atenda, de uma forma mais coerente à necessidade de informações para a empresa poder avaliar-se e gerar dados, propiciando aos gestores a melhor tomada de decisão em um determinado projeto (financiamento ou investimento).

Essa metodologia denomina-se “*Necessidade de Capital de Giro*”, sendo também conhecida como *NCG*. Sua análise e

desenvolvida com um grande grau de simplicidade e utilidade na ajuda da determinação da saúde financeira de uma determinada empresa, oferecendo uma melhor visualização sistêmica de suas áreas de decisão e suas interações. Após este pequeno desenvolvimento, mostraremos um exemplo prático, desenvolvido pelo Prof. Dante C. Matarazzo (1998, p.353), dos assuntos abordados.

O objetivo do presente trabalho é mostrar a importância da utilização de uma análise mais dinâmica – *Necessidade de Capital de Giro* – e que a contabilidade possui poderosas ferramentas para auxiliar os gestores na tomada de decisões.

2 CONCEITO DE NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO – NCG

A Necessidade de Capital de Giro está inserida no Capital Circulante Líquido (Ativo Circulante menos Passivo Circulante), sendo necessário que seja feita uma segregação destes Ativos e Passivos em Operacionais (Cíclicos) e Financeiros (Erráticos).

Silva (1999, p.534) comenta

É importante destacar que podemos encontrar, em diferentes textos, três denominações que podem designar o mesmo conceito, podendo

trazer apenas pequenas variações, isto é:

- *Investimento Operacional em Giro* – IOG
- *Working Investment* – WI
- *Necessidade de Capital de Giro* – NCG

Matarazzo (1999, p.343) comenta que a Necessidade de Capital de Giro – NCG, não é somente um conceito fundamental para a análise da empresa do ponto de vista financeiro, ou seja, análise de caixa, mas também de estratégias de financiamento, crescimento e lucratividade. O referido autor (1999, p.344) entende que o “*Investimento Operacional em Giro*”. (IOG) representa o *Ativo Circulante Operacional*, pois a *Necessidade de Capital de Giro* é tipicamente um conjunto de itens de financiamento que podem ser capital próprio, empréstimos bancários de longo ou curto prazo, nunca um ativo. A NCG é exatamente aquilo que o financiamento operacional não cobre. Para ele o IOG seria o Ativo Operacional da NCG. Poderia ser chamado de *Financiamento Não Operacional para Giro*, mas nunca *Investimento Operacional em Giro*.

A nomenclatura *Necessidade de Capital de Giro*, conforme relata Neto e Silva (2000, p.53), foi introduzida no Brasil pelo Prof. Michel Fleuriot, através da obra: *A dinâmica financeira das empresas brasileiras. Belo Horizonte: Consultoria Empresarial/Fundação Dom Cabral, 1980. Elaborada em conjunto com Ricardo Kendy e Georges Blanc.*

A Necessidade de Capital de Giro - NCG é composta por itens do Ativo e Passivo Circulantes de caráter operacional, ou melhor, que estão relacionados ao Ciclo Operacional das Empresas. Esse componente, para se efetuar uma análise mais dinâmica das empresas, como

já foi abordado anteriormente, está inserido no Capital Circulante Líquido (CCL), evidenciando aplicações de recursos permanentes, relacionadas com a atividade operacional da empresa, como por exemplo, duplicatas a receber, estoques, adiantamentos a fornecedores, despesas antecipadas etc. Em contrapartida, as fontes de recursos dessas aplicações estão diretamente relacionadas com o ciclo operacional da empresa e se revitalizam à medida em que as operações ocorram. Como exemplo dessas fontes de recursos poderíamos citar: fornecedores, salários e encargos sociais a pagar, adiantamentos de clientes, quando relacionados à atividade operacional da empresa.

Existem algumas contas circulantes que não serão classificadas, para fins de análise da Necessidade de Capital de Giro – NCG, no subgrupo Financeiro (Contas Erráticas); não devem ser incluídas, por exemplo, Contas a Receber relacionadas a Vendas de Ativo Imobilizado e Empréstimos a Controladas, pois iriam distorcer essa metodologia de análise.

Para financiar a Necessidade de Capital de Giro - NCG - a empresa pode contar normalmente com três tipos de financiamentos:

- Capital Circulante Próprio, isto é, parte do Patrimônio Líquido
- Empréstimos e Financiamentos Bancários de Longo Prazo
- Empréstimos e Financiamentos Bancários de Curto Prazo e Duplicatas Descontadas

Vejamos na figura abaixo como podemos localizar a NCG – em um Balanço Patrimonial.

Figura 1 – Localização da Necessidade de Capital de Giro no Balanço

ESTOQUES	FORNECEDORES
DUPLICATAS A RECEBER	
OUTROS ATIVOS CIRCULANTES	NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO

Fonte: Matarazzo, 2000, p.346.

Podemos observar que os Estoques + Duplicatas a Receber + Outros Ativos Circulantes representam o total do Ativo Circulante Operacional (Cíclico); já os Fornecedores representam automaticamente o giro com o qual a empresa pode contar. A NCG mostra os financiamentos que a empresa precisa obter para financiar as suas atividades

operacionais.

Para se calcular a Necessidade de Capital de Giro - NCG, devemos primeiramente reclassificar o Balanço Patrimonial, no grupo Circulante, em Financeiro (Errático) e Operacional (Cíclico), como demonstrado abaixo:

Quadro 1 – Estrutura do Balanço Patrimonial para fins de NCG

ATIVO	PASSIVO
CIRCULANTE	CIRCULANTE
CONTAS FINANCEIRAS (ERRÁTICAS)	CONTAS FINANCEIRAS (ERRÁTICAS)
Disponível	Duplicatas Descontadas
Aplicações Financeiras	Empréstimos e Financiamentos
Adiantamentos a Fornecedores	Dividendos a Pagar
Investimentos temporários	IR e Cont.Social a Pagar
	Debêntures
CONTAS OPERACIONAIS (CÍCLICAS)	CONTAS OPERACIONAIS (CÍCLICAS)
Contas a Receber de Clientes	Fornecedores
Estoques	Contas a Pagar
Despesas Antecipadas	Salários e Encargos Sociais a Pagar
Adiantamentos a empregados	Obrigações Fiscais

Fonte: Vieira, 1999.

Verificamos que o Ativo e o Passivo Circulantes foram divididos em dois segmentos: Financeiro (Errático), referente ao lado financeiro da empresa, envolvendo a parte de tesouraria, sem nenhum tipo de vínculo com seu ciclo operacional, variando mais estreitamente em função da conjuntura e do risco de maior ou menor liquidez que a empresa deseja assumir em suas atividades operacionais, e Cíclico (Operacional), relacionado às atividades operacionais.

3 A NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO E O CICLO FINANCEIRO

Quando qualquer atividade operacional da empresa gerar uma saída de fluxo de caixa mais rápido do que a entrada, evidencia-se claramente uma necessidade permanente de investimento em seu giro, apurada pela Necessidade de Capital de Giro - NCG. Por outro lado pode ocorrer que a NCG seja negativa; nesse caso, podemos verificar estar o Passivo Operacional, além de financiando o Ativo Circulante Operacional, também financiando outros ativos, como, por exemplo, o Ativo Realizável a Longo e Ativo

Permanente.

Sabe-se que o nível necessário de NCG está diretamente relacionado com o Ciclo Financeiro das empresas, caso este seja curto, a NCG deverá ser pequena, pois ocorre uma rotação mais rápida dos seus ativos circulantes operacionais.

Segundo Neto e Silva (2000, p.56) comentam,

Em situação de elevação do investimento necessário em giro, é importante que a empresa gere recursos de caixa provenientes de suas operações de modo a poder financiar esta maior demanda por recursos operacionais permanentes. Se os recursos gerados internamente não forem suficientes para cobrir estas necessidades adicionais, deve a empresa recorrer a empréstimos de longo prazo ou a novos aportes de capital acionário de forma a preservar seu equilíbrio financeiro.

podemos estruturar os três conceitos básicos abordados:

$$\begin{aligned} \text{NCG} &= \text{ACO} - \text{PCO} \\ \text{CPL} &= \text{PNC} - \text{ANC} \\ \text{ST} &= \text{ACF} - \text{PCF} \end{aligned}$$

Onde:

NCG – Necessidade de Capital de Giro
ACO – Ativo Circulante Operacional
PCO – Passivo Circulante Operacional
CPL – Capital Permanente Líquido
PNC – Passivo Não-Corrente (Passivo Exigível a Longo Prazo + Resultado de Exercícios Futuros + Patrimônio Líquido)
ANC – Ativo Não-Corrente (Ativo Realizável a Longo Prazo + Ativo Permanente)
ST – Saldo de Tesouraria
ACF – Ativo Circulante Financeiro
PCF – Passivo Circulante Financeiro

O ACO representa uma aplicação de recursos, enquanto o PCO representa a origem desses recursos. Esses grupos decorrem de uma forma direta do ciclo operacional da empresa e existe uma tendência para que o NCG represente uma aplicação líquida de recursos estabelecida em função da atividade da empresa.

Podemos afirmar que a análise mediante a metodologia da NCG trabalha com um enfoque dinâmico entre os vários métodos existentes, pois decorre do volume de vendas da empresa e dos prazos de rotação.

Silva comenta (1999, p.338)

Quanto maiores forem as vendas, maior tenderá a ser a necessidade de estoques e maior será o volume de duplicatas a receber. Se para aumentar as vendas a empresa conceder maiores prazos a seus clientes para o pagamento, haverá dupla pressão para elevar o volume de duplicatas a receber, ou seja, aumento das vendas mais aumento do prazo. Da mesma forma, o

crescimento das vendas eleva o volume de fornecedores, de salários (se aumentar o quadro de pessoal ou em decorrência de horas extras), de encargos e tributos. Portanto, o IOG é função, basicamente, das vendas e dos prazos.

Isso nos mostra que qualquer necessidade de recursos para o investimento nas atividades operacionais da empresa está diretamente relacionado ao volume de vendas e os prazos de rotação. De nada adianta oferecer prazo maior para nossos clientes, pois teremos que possuir um maior volume de recursos em nossos ativos operacionais. Entretanto se, em virtude do aumento do volume de vendas, existir a necessidade de aumentar a NCG, é de suma importância que este crescimento gere um lucro maior para a empresa, para compensar uma maior aplicação de recursos, pois, de outro modo, a empresa necessitará recorrer a empréstimos bancários ou ao aporte de capital junto aos acionistas.

O volume de recursos que cada empresa necessita para financiar a NCG está relacionado com o de suas atividades e a relação entre seu Ciclo Financeiro (período decorrido para o dinheiro retornar ao Caixa ou em que a empresa necessita de recursos de terceiros para o financiamento de suas operações) e o montante a ser aplicado na NCG estão diretamente interligados, pois quando a empresa recebe antes de pagar, está financiando suas operações com o dinheiro do fornecedor. Esse exemplo ocorre muito com supermercados que recebem, na maioria das vezes, à vista e pagam suas compras a prazo, podendo até possuir um Capital Circulante Líquido (CCL) negativo mas boas condições em relação a sua saúde financeira. Por outro lado, na maioria das empresas industriais, o Ciclo Financeiro é positivo e, neste caso, requer um elevado volume de NCG.

Sendo a NCG tratada como uma aplicação líquida de recursos decorrente da

própria atividade operacional da empresa, a sua real avaliação salutar, financeiramente falando, será o resultado de como a empresa financia tais aplicações.

Silva (1999, p.342) comenta:

... os investimentos no ativo permanente e no realizável a longo prazo, mais uma parcela do ativo circulante líquido, deveriam ser financiados com recursos próprios mais exigível a longo prazo.

Concordamos plenamente com o autor, pois é grande a preocupação de que a empresa fique “atrelada” aos seus fornecedores, em relação a suas atividades operacionais, gerando com isso um grau elevado de dependência.

O Capital Permanente Líquido (CPL), financia as operações da Necessidade de Capital de Giro e quando $CPL > NCG$, teremos sempre um Saldo Tesouraria (ST) maior que zero.

Para isso ocorrer é de vital importância que o Passivo Não-Corrente cresça das seguintes formas:

- Obtenção de Novos Empréstimos a Longo Prazo
- Aumento do Capital com Aporte de Recursos
- Geração de Lucros pela empresa

Já o Ativo Não-Corrente cresce em função de:

- Aquisição, Reformas ou Ampliações do Imobilizado, visando elevar a Capacidade Produtiva
- Aquisições de Participações Acionárias em Outras Empresas
- Aumento do Ativo Diferido, em decorrência de gastos em projetos que contribuirão para a formação de receitas no futuro
- Aumento de Direitos a receber a Longo Prazo

O crescimento do Ativo Permanente deve ser financiado com recursos próprios ou via empréstimos a longo prazo. Quando ocorrer imobilizações mediante financiamentos a longo prazo, é necessário que a empresa gere lucros suficientes para a amortização de tais empréstimos.

O aumento da Necessidade de Capital de Giro - NCG, se dará por:

- Aumento dos Prazos Médios de Estocagem e Recebimento
- Diminuição dos Prazos Médios de Pagamentos a Fornecedores

Sabemos que o Saldo de Tesouraria, representativo da diferença entre os Ativos e Passivos Circulantes Financeiros (Erráticos), funciona como uma reserva para a empresa quitar suas obrigações em curtíssimo prazo, além de poder ser, ainda, utilizado em eventuais expansões da necessidade de recursos para a NCG, principalmente empresas que têm atividades operacionais sazonais, isto é, não possuem um equilíbrio de produção e vendas durante um determinado período, como, por exemplo, uma indústria de ovos de chocolates, a qual aumenta suas vendas no período de março a maio e depois tem uma caída nos seus volumes.

4 CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS AO CONCEITO DE PRAZOS DE ROTAÇÃO

Alguns autores utilizam o valor *médio* de Contas a Receber, Estoques e Fornecedores nas fórmulas para cálculo dos prazos de rotação (PMRE, PMRV e PMPF).

Essas fórmulas trazem algumas desvantagens em relação à que se baseia no *saldo final*.

Tomando-se como base o *saldo final*, pode-se conhecer, de uma melhor forma, quais os prazos que realmente são aplicados. O *saldo médio* não permite conhecer os prazos praticados efetivamente nas datas do levantamento do Balanço Patrimonial.

Um argumento definitivo para o uso dos *saldos finais* seria o de que a análise dos prazos deve ser feita, sempre que possível, com o uso conjunto dos três prazos (PMRE, PMRV e PMPF), Ciclo Operacional e Financeiro (ou de Caixa) e a Necessidade de Capital de Giro – NCG. Nada disso poderá ser feito a não ser com a utilização dos *saldos finais* do Balanço Patrimonial.

Lembramos que a NCG não é feita com base nas médias dos balanços apresentados durante um determinado período, e sim nos *saldos finais*.

5 ESTUDO DE CASO PRÁTICO

Apresentaremos um estudo de caso prático, desenvolvido pelo Prof. Dante C. Matarazzo (1999, p.353) com o objetivo de solidificar os conhecimentos apresentados. Essa metodologia apresentada é de grande relevância no campo da análise da saúde financeira das empresas.

Considere as informações abaixo, da Cia. BIG, para efetuarmos as respectivas análise e variações da Necessidade de Capital de Giro – NCG:

BALANÇO PATRIMONIAL

Cia. BIG

	31/12/1998	31/12/1999	31/12/2000
Ativo			
Ativo Circulante			
Financeiro			
Disponibilidades	163.634	107.224	87.000
Operacional			
Contas a Receber	1.045.640	1.122.512	1.529.061
Estoques	751.206	1.039.435	1.317.514
	1.796.846	2.161.947	2.846.575
Ativo Circulante	1.960.480	2.269.171	2.933.575
Ativo Permanente			
Investimentos	72.250	156.475	228.075
Imobilizado	693.448	1.517.508	2.401.648
Diferido	-	40.896	90.037
Ativo Permanente	765.698	1.714.879	2.719.760
TOTAL DO ATIVO	2.726.178	3.984.050	5.653.335

	31/12/1998	31/12/1999	31/12/2000
Passivo			
Passivo Circulante			
Financeiro			
Empréstimos e Financiamentos	356.798	477.314	834.743
Operacional			
Fornecedores	708.536	639.065	688.791
Impostos, Taxas e Contribuições	205.250	189.575	317.565
Contas a Pagar	70.373	100.123	116.178
	984.159	928.763	1.122.534
Passivo Circulante	1.340.957	1.406.077	1.957.277
Passivo Exigível L.Prazo			
Empréstimos	314.360	792.716	1.494.240
Financiamentos	-	378.072	533.991
Passivo Exigível L.Prazo	314.360	1.170.788	2.028.231
Patrimônio Líquido			
Capital Social	600.000	1.100.000	1.330.000

Reservas de Capital	57.083	94.157	20.830
Lucros Acumulados	413.778	213.028	316.997
Patrimônio Líquido	1.070.861	1.407.185	1.667.827
TOTAL DO PASSIVO E PAT.LÍQUIDO	2.726.178	3.984.050	5.653.335

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO DO EXERCÍCIO

Cia. BIG

	31/12/2000	31/12/1999	31/12/1998
Receita Bruta de Vendas	5.960.227	6.043.114	7.820.143
Deduções da Receita	(1.107.104)	(1.617.248)	(1.968.557)
Receita Líquida de Vendas	4.793.123	4.425.866	5.851.586
Custo de Mercadorias Vendidas	(3.621.530)	(3.273.530)	(4.218.671)
Resultado Bruto	1.171.593	1.152.336	1.632.915
Despesas Operacionais			
Vendas	(187.316)	(213.122)	(115.165)
Gerais e Administrativas	(308.677)	(214.013)	(382.860)
Financeiras	(273.448)	(435.254)	(857.363)
Resultado Equivalência Patrim.	8.394	17.581	27.777
Resultado Operacional	410.546	307.438	305.304
Receitas Não-Operacionais	1.058	-	-
Resultado antes IR e CSSL	411.604	307.438	305.304
IR e CSSL	(187.863)	(140.322)	(139.348)
Resultado após IR e CSSL	223.741	167.116	165.956

INFORMAÇÕES ADICIONAIS – Cia. BIG

	31/12/1998	31/12/1999	31/12/2000
Capital Circulante Líquido (CCL)	619.523	863.094	976.298
Necessidade de Capital de Giro (NCG)	812.687	1.233.184	1.724.041
Saldo de Tesouraria (ST)	(193.164)	(370.090)	(747.743)
PMRE	74 dias	114 dias	112 dias
PMRV	63 dias	67 dias	70 dias
PMPF	85 dias	83 dias	73 dias
Ciclo Operacional	137 dias	181 dias	182 dias
Ciclo de Caixa	52 dias	98 dias	109 dias
Compras a Prazo	3.001.587	2.766.402	3.387.266
Vendas a Prazo	5.960.227	6.043.114	7.820.143

Percebemos que já foi efetuada a separação do Ativo e Passivo Circulante em Operacional (Cíclico) e Financeiro (Errático) para fins de análise da Necessidade de Capital de Giro – NCG.

Prosseguindo esse nosso trabalho, iremos demonstrar, abaixo, como foram efetuados os cálculos dos Prazos (PMRE, PMRV e PMPF) da Cia. BIG:

Cálculos:

31/12/1998

$$\text{PMRE} = \frac{751.206,00}{3.621.530,00} \times 360 = 74 \text{ dias}$$

$$\text{PMRV} = \frac{1.045.640,00}{5.960.227,00} \times 360 = 63 \text{ dias}$$

$$\text{PMPF} = \frac{708.536,00}{3.001.587,00} \times 360 = 85 \text{ dias}$$

31/12/1999

$$\text{PMRE} = \frac{1.039.435,00}{3.273.530,00} \times 360 = 114 \text{ dias}$$

$$\text{PMRV} = \frac{1.122.512,00}{6.043.114,00} \times 360 = 67 \text{ dias}$$

$$\text{PMPF} = \frac{639.065,00}{2.766.402,00} \times 360 = 83 \text{ dias}$$

31/12/2000

$$\text{PMRE} = \frac{1.317.514,00}{4.218.671,00} \times 360 = 112 \text{ dias}$$

$$\text{PMRV} = \frac{1.529.061,00}{7.820.143,00} \times 360 = 70 \text{ dias}$$

$$\text{PMPF} = \frac{688.791,00}{3.387.266,00} \times 360 = 73 \text{ dias}$$

Matarazzo (1999, p.348) desenvolveu um estudo a respeito da relação direta entre o Ciclo de Caixa e o financiamento do

Investimento em Giro onde o montante desses financiamentos é conhecido como *Necessidade de Capital de Giro* – NCG, cuja fórmula poderia ser representada por :

$$\text{NCG} = \text{CC} \times \text{V}_d + \text{A}$$

onde:

CC $\Rightarrow$ Ciclo de Caixa, isto é, PMRE + PMRV - PMPF

V_d $\Rightarrow$ Vendas diárias, que representa as Vendas anuais $\div$ 360

A $\Rightarrow$ resultado da diferença entre os outros Ativos e Passivos Circulantes, como por exemplo, despesas antecipadas, adiantamento a fornecedores, contas a pagar, adiantamento de clientes, etc.

Para uma análise simplificada, essa fórmula poderia ser considerada satisfatória, porém para uma análise do Capital de Giro mais precisa são necessários alguns ajustes nos valores do PMRE e PMRV, pois o montante de NCG deverá ser igual àquele decorrente do Balanço Patrimonial (Ativo Circulante Operacional – Passivo Circulante Operacional). Esses acertos serão feitos no PMRE e PMRV, pois se baseiam nos *preços de custos* de produtos e serviços. Para o cálculo do Ciclo de Caixa em questão, devemos efetuar alguns ajustes para que se chegue na NCG, convertendo os três tipos de prazos médios estudados (Renovação de Estoques, Recebimentos de Vendas e Pagamentos a Fornecedores) a uma base comum, a fim de podemos somá-los e diminuí-los sem incorrer em erros grosseiros. A melhor base a ser utilizada é aquela em que devemos utilizar o conceito de vendas. Assim, devemos realizar

algumas adaptações no PMRE e PMPF, como demonstrado abaixo:

$$\text{PMRE}_{eq} = (\text{CMV} \div \text{V}) \times \text{PMRE}$$

$$\text{PMPF}_{eq} = (\text{C} \div \text{V}) \times \text{PMPF}$$

onde:

CMV $\Rightarrow$ Custo de Mercadoria Vendida

C $\Rightarrow$ Compras

Com base nos dados acima, podemos definir o Ciclo de Caixa Equivalente – CC_{eq} como:

$$\text{CC}_{eq} = \text{PMRE}_{eq} + \text{PMRV}_{eq} - \text{PMPF}_{eq}$$

Já a *Necessidade de Capital de Giro* – NCG - poderíamos definir como:

$$\text{NCG} = \text{CC}_{eq} \times \text{V}_d + \text{A}$$

Realizados os respectivos ajustes, vejamos como que ficaria representado a NCG, de acordo com o estudo apresentado acima, para a Cia. BIG:

1998

$$\begin{aligned} \text{CC}_{eq} &= 63 + (3.621.530 \div 5.960.227) \times 74 - \\ &(3.001.587 \div 5.960.227) \times 85 = \mathbf{65,731 \text{ dias}} \\ \text{NCG} &= 65,1574 \times (5.960.227 \div 360) - 275.623 \\ &= \mathbf{812.687} \end{aligned}$$

1999

$$\begin{aligned} \text{CC}_{eq} &= 67 + (3.273.530 \div 6.043.114) \times 114 - \\ &(2.766.402 \div 6.043.114) \times 83 = \mathbf{90,718 \text{ dias}} \\ \text{NCG} &= 90,718 \times (6.043.114 \div 360) - 289.698 = \\ &\mathbf{1.233.184} \end{aligned}$$

2000

$$\begin{aligned} \text{CC}_{eq} &= 70 + (4.218.671 \div 7.820.143) \times 112 - \\ &(3.387.266 \div 7.820.143) \times 73 = \mathbf{99,332 \text{ dias}} \\ \text{NCG} &= 90,332 \times (7.820.143 \div 360) - 433.743 = \\ &\mathbf{1.724.041} \end{aligned}$$

Observação: Os cálculos foram efetuados com

um número de casas decimais superior ao dos que estão aparecendo no desenvolvimento acima.

Como podemos observar no estudo de caso acima, ocorreu uma evolução das vendas, o que é até natural, sadio e desejável, porém o Ciclo de Caixa Equivalente, para ser ideal, deveria ser reduzido.

Em relação às causas das variações da Necessidade de Capital de Giro – NCG, podemos perceber um aumento, de 1998 para 2000, em 112%. Entretanto, tal desenvolvimento não ocorreu em função do aumento do volume de vendas da empresa e sim devido à administração de seus prazos. Seu Ciclo de Caixa Equivalente aumentou em 50% e é aí que reside o grande problema da empresa, pois a principal causa de seu crescimento foi o PMRE, que chegou a um aumento de 51%. Tudo isso sem falar nos problemas apresentados nos Prazos Equivalentes relacionados a Estoques e Pagamento a Fornecedores (PMRE_{eq} e PMPF_{eq}).

Essa conjugação do aumento simultâneo de Vendas e Ciclo de Caixa Equivalente provocou o incremento absurdo, da NCG, em 112%.

Em relação ao financiamento dessa NCG, podemos observar que o uso do Passivo Circulante Financeiro destacou-se, sendo acrescido em 134% entre os anos de 1998 e 2000, aumentando sua participação, na NCG, de 44% para 48%. Isso ocorreu, mesmo tendo acontecido um aumento bastante considerável nos recursos de longo prazo em 545%, aumento esse utilizado para financiar a expansão do Imobilizado, que foi de 255%. Assim, esse recurso foi duplamente empregado, não obstante o grau de endividamento ter subido violentamente nesse período.

6 CONCLUSÃO

As empresas na atual conjuntura econômica devem utilizar ferramentas

dinâmicas para um melhor gerenciamento de suas finanças.

Pensamos que a utilização do estudo da Necessidade de Capital de Giro-NCG propicia inúmeros benefícios na tomada de decisão, mostrando a empresa em relação à sua dinâmica e não a analisando no ponto de vista estático (*análise por índices*).

A contabilidade exerce um papel de grande importância em nossa sociedade, tendo como co-responsabilidade o desenvolvimento de novas ferramentas gerenciais, e devemos assumir esse papel. Não podemos esperar que outras áreas iniciem esse processo.

Finalizamos afirmando que um melhor gerenciamento nas empresas privadas, mediante as técnicas apresentadas, proporcionará uma ferramenta a mais para melhoria da sua gestão.

BIBLIOGRAFIA

ASSAF NETO, Alexandre, SILVA, César

Augusto Tibúrcio. *Administração do Capital de Giro*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

FLEURIET, Michel, BLANC, Georges, KENDY, Ricardo. *A dinâmica financeira das empresas brasileiras*. Belo Horizonte: Consultoria Empresarial/Fundação Dom Cabral, 1980.

MATARAZZO, Dante C. *Análise Financeira de Balanços*: abordagem básica e gerencial. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

SILVA, José Pereira da. *Análise Financeira das Empresas*. São Paulo: Atlas, 1999.

VIEIRA, Délio Vargas. *Análise Gerencial das Demonstrações Financeiras*. Caderno de Estudos – Pós-Graduação em Controladoria com ênfase nas áreas Tributárias e de Custos. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 1999.